

RESQUÍCIOS DE AL-ANDALUZ EM NORTE DE ÁFRICA: aspectos da *autobiografia* de Ibn Khaldun (1332-1406)

Elaine Cristina Senko
Mestranda em História – UFPR
Bolsista - CAPES/REUNI

RESUMO: O historiador medieval Abu Zaid Abd'ul-Rahman Ibn Khaldun (732-806 H. /1332-1406 J.C.) revela por meio de sua *Autobiografia* (parte integrante da *Muqaddimah*) que seus antepassados teriam origem sevilhana. Nesse contexto do *outono da Idade Média* se faz pertinente discutir as formas de migração dos muçulmanos de grande parte de *Al-Andaluz* por iniciativas da *Reconquista* cristã, em que Fernando III (1217-1252 J.C.), filho de Afonso IX rei da Galícia, era o perpetrador indireto da fuga da família Khaldun para a região de Túnis. Essa análise se torna primordial, pois que a atuação de muçulmanos em cargos dos governos de *Al-Andaluz* se apresenta por meio dessa família. Assim, o objetivo desse estudo será demonstrar a participação dos antepassados de Ibn Khaldun em cargos específicos e como esses personagens interferiram na maneira de pensar desse erudito.

PALAVRAS-CHAVE: Ibn Khaldun, Península Ibérica, Magreb Medieval.

ABSTRACT: The medieval historian Abu Zaid Abd'ul-Rahman Ibn Khaldun (732-806 H. / 1332-1406 J.C.) shows through his *Autobiography* (part of the *Muqaddimah*) that his ancestors came from Seville. In this context of *autumn of middle ages* it is relevant to discuss the ways of migration of Muslims from a large part of *Al-Andaluz*, motivated by the Christian *Reconquista*, in which Ferdinand III (1217-1252 J.C.), son of King Alfonso IX of Galicia, was the indirect perpetrator of the fleeing of the Khaldun family to the region of Tunis. This analysis becomes paramount, since the performance of Muslims in positions of the governments of *Al-Andaluz* is presented through this family. The objective of this study will demonstrate the participation of the ancestors of Ibn Khaldun in specific positions and how these characters interfered in the way of thinking of this scholar.

KEY-WORDS: Ibn Khaldun, Iberian Peninsula, Medieval Magreb.

Introdução

Os reinos ibéricos no século XIII vivenciaram transformações políticas com relação aos vizinhos muçulmanos. O processo de *Reconquista* cristã estava em sua etapa promissora, mas a resistência do governo ímpar de *Al-Andaluz* iria se expandir para o

território de onde saíram as primeiras incursões muçulmanas para essa região do sul da Península Ibérica, do Magreb Medieval.

Nessa perspectiva apresentam-se as investidas do rei cristão Fernando III (1217-1252), que possibilitou a tomada da região de *Frenteira* dos muçulmanos. Essa atitude militar do referido rei cristão provocou a fuga de inúmeras famílias de *Al-Andaluz* para o Norte de África. Esse fato é atestado pelo relato do historiador medieval Abu Zaid Abd'ul-Rahman Ibn Khaldun (1332-1406) sobre seus antepassados. Essa narrativa histórica de gênero autobiográfico, produzida pelo historiador Ibn Khaldun, que faz parte de sua obra *Muqaddimah*¹, será nesse artigo a fonte condutora de análise.

A possibilidade dos cargos destinados à família Khaldun reforça a imagem dessa ilustre descendência de homens ao lado do poder. Assim, se faz necessário o entendimento dos membros dessa família nos interstícios do poder de Carmona, Sevilha e posteriormente à *Reconquista* cristã, no Magreb. A transferência dos membros do poder andaluzes acabaram por forjar a dinastia dos *Hafsidas* e no recorte de Ibn Khaldun essa “origem sevilhana” que pontua no início de sua *Autobiografia*² nos leva às atividades políticas que influenciaram sua própria erudição andalusi.

Um resgate político no Mediterrâneo

O século IX presenciou a atuação da marinha mercante muçulmana ao longo do Mediterrâneo, a ligação desse comércio com portos do Norte cristão e a conquista islâmica que alçou entre as outras ilhas em volta, a Sicília, que somente foi retomada por Roger I. No entanto, os normandos se adaptaram a cultura que encontraram na ilha, por exemplo, temos a ação de Roger II (1130-1154), “o pagão”, que possuiu esse epíteto pois teve apoio dos muçulmanos em batalhas, nas estratégias de guerra e na formação arquitetônica normanda-sarracena (LEWIS, 1994: 131-135). No século XII, Guilherme II (1166-1189) confiava cargos de negócios da ilha aos vizires muçulmanos. Os reis de Palermo e Sicília foram influenciados da mesma maneira que a própria população pela língua e cultura árabe. Na sucessão suábica que substituiu os normandos na ilha de Sicília ocorreu a troca da língua árabe pelo latim. No entanto, a cultura árabe permaneceria na ilha sob os reinados de

¹ KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I, II, III)*. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1959-1960.

² KHALDUN, Ibn. *Autobiografia de Ibn Khaldun*. In: *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958.

Frederico II (1215-1250), em que obras oriundas da falsafa foram sendo traduzidas para o latim, e de Manfred (* - 1266). Porém, a atuação política muçulmana no Mediterrâneo foi mais próspera e resistente em *Al-Andaluz*.

Em 711, um antigo escravo berbere se tornou chefe de um exército monumental, Tariq, que com suas tropas islamizadas saíram do Magreb, atravessaram o Estreito de Gibraltar e galgaram uma terra única dentro do movimento de poder muçulmano que em breve se tornaria a região denominada *Al-Andaluz*. Tariq e seu exército derrotaram as forças visigóticas e conquistaram Córdoba e Toledo. Posteriormente, em 712 os guerreiros muçulmanos se apoderaram de Sevilha e de Mérida. Três anos mais tarde já tinham se estabelecido em território hispano e chegaram até o sul de França, no que passou a ser a derrota muçulmana para Carlos Martel na *Batalha de Poitiers* em 732.

Após essa primeira leva de berberes e árabes para a Península Ibérica ocorreram sucessivas ondas migratórias do Oriente (em quantidade maior da Síria) e do Magreb, ainda durante o século VIII. A capital de *Al-Andaluz* era Córdoba e muitos dos sírios emigrados para a referida região formaram uma casta de guerreiros, os *shamis* (LEWIS, 1994: 134). O historiador Bernard Lewis aponta que os sírios prepararam a chegada do fugitivo da dinastia omíada Abd ar-Rahman, que se refugiou na Península Ibérica por conta da perseguição realizada pelos Abássidas:

A consolidação do elemento sírio em Espanha determinada por estas circunstâncias criou uma atmosfera favorável para Abd ar-Rahman, príncipe omíada que fugira da sua casa no Oriente. Após trabalho preparatório entre o exército de Balj muitos dos quais haviam sido antigos clientes omíadas, desembarcou em Almuñecar em 755. Não tardou a derrotar o governador que havia reconhecido os Abássidas, e, ao tomar Córdoba em 756, fundou a dinastia omíada independente em Espanha, que se manteria no poder até 1031 (LEWIS, 1994: 139).

Já o reinado pacífico em *Al-Andaluz* de Abd ar-Rahman II (822-852) consolidou a estrutura política centralizada no território, reorganizando o reino cordobês de acordo com o modelo dos Abássidas no Oriente ainda que de forma independente. Até os moçárabes eram cada vez mais numerosos e possuíam orgulho de sua independência. Assim, o emir Abd ar-Rahman III (912-961) declarou-se califa e iniciou o apogeu dos Omíadas em *Al-Andaluz*. Ao longo desse governo as artes moçárabes alcançaram sua plenitude.

A primeira metade do século XI possuiu um movimento de fragmentação política, conhecido como o momento das *taifas*. Essa política foi mantida quando da conquista de *Al-Andaluz* pelos *Rostos Velados* (Almorávidas). É relevante lembrar que o mundo muçulmano

estava dividido em três partes nesse momento, como o historiador Albert Hourani nos revela:

Para isso, o mundo islâmico pode ser dividido em três amplas áreas, cada uma com seus centros próprios de poder. A primeira delas incluía o Irã, a terra além do Oxo, e o sul do Iraque; durante algum tempo após o século X, seu principal centro de poder continuou a ser Bagdá, destacando-se no coração de um rico distrito agrícola e de uma ampla rede de comércio, e com a influência e o prestígio acumulados durante séculos de governo dos califas abácidas. A segunda área incluía o Egito, a Síria e a Arábia Ocidental; seu centro de poder ficava no Cairo, a cidade construída pelos fatímidas no meio de uma zona rural extensa e produtiva, e no coração de um sistema de comércio que ligava o mundo do oceano Índico ao do mar Mediterrâneo. A terceira incluía o Magreb e as áreas muçulmanas da Espanha conhecidas como Andalus; nessa área não havia um centro predominante de poder, mas vários, que ficavam em regiões de extenso cultivo e em pontos a partir dos quais se podia controlar o comércio entre a África e diferentes áreas do mundo mediterrâneo. (HOURANI, 2006: 121).

A dinastia Almôada (1130-1269) que suplantou a Almorávida tanto no Magreb quanto em *Al-Andaluz* enfrentou um avanço ferrenho dos cristãos sob o último território (talvez uma resposta ao que ocorria no Oriente, pois em 1187 Salah al-Din derrotou os cruzados na *Batalha dos Chifres de Hittin* e reconquistou Jerusalém). O governo da dinastia Almôada passou por dificuldades que possuíam raízes na religiosidade e na própria política, como demonstração podemos lembrar do evento na Península Ibérica da *Batalha de Navas de Tolosa* (1212). Essa ação da *Reconquista* foi um acontecimento funesto para a dinastia dos Almôadas.

A memória coletiva da *Reconquista* cristã no século XV estava tão fortemente arraigada na retomada de posse dos territórios e da própria sociedade cristã, que podemos ter um exemplo disso nas crônicas de Fernão Lopes, tais como aponta a Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães:

A Crônica de D. Fernando se encerra com os ventos da instabilidade social. (...) O cronista eleva a voz d' "os da cidade" (CDF, p.484) que afirmam: "Agora se vemde Portugal doado, que tamtas cabeças e sangue custou a gaanhar, quamdo foi filhado aos Mouros"(CDF, p.484). Esta declaração parece saída da tradição épica de Afonso Henriques a que já fizemos menção e demonstra a longa duração de uma visão que evidencia "até que ponto a associação entre terra e poder era um arquétipo onipresente nas consciências medievais e um dos fundamentos ideológicos da Reconquista cristã e do sistema de presúria" (GUIMARÃES, 2004: 155).

A *Reconquista* cristã dois séculos antes, em seu momento de agressiva hostilidade contra os muçulmanos, serviu de mola propulsora para a migração dos andaluzes em direção ao Magreb. Esse período se caracterizou pela saída do *emir* Abu Zacaria de Sevilha para o governo de Ifríkya, ali este último já havia fundado em 1228 a dinastia *Hafsida*.

A Família Khaldun e a sua recepção no Magreb Medieval:

Ibn Khaldun nos lembra e legitima seus antepassados declarando que Curaib Ibn Othman e seu irmão Khalid (neto de Khaldun) foram “os chefes mais insubordinados da *Andaluzia*” (KHALDUN, 1958: 481). A entrada dos Khaldun em *Al-Andaluz* no período dos Omíadas se fez primeiramente em Carmona com uma parte da tribo, os oriundos de Hadramut (KHOURY, 1958: 482). Os já mencionados Curaib e Khalid se destacaram na revolta que ocorreu em Sevilha no reinado do *emir* Abd Allah Al-Marwani.

Quando *Al-Andaluz* foi conquistada pelos *Rostos Velados* e depois passou para as mãos dos Almôadas, a família Khaldun permaneceu próxima ao poder. Em 1227-28, o *emir* Abu Zacaria repudiou a soberania dos descendentes de Abd Al-Mumin, declarou-se independente e senhor de Ifríkya. Logo após, *Al-Andaluz* mergulhou na subversão e o rei cristão Fernando III aproveitou a ocasião para atacar a região por meio da *Frenteira* (formada pela planície que se estende de Córdoba, Sevilha e Jaen). O sultão Ibn Al-Ahmar se revoltava em Arjona e recorreu ao Conselho Municipal de Sevilha (em que a família Khaldun estava incluída) para ir contra Ibn Hud e deixar *Frenteira* ao rei cristão. Ibn Al-Ahmar estabeleceu-se em Granada e a tornou capital de seu reino, mas a família Khaldun precisou fugir para Ceuta por causa das incursões de Fernando III. Isso confirma a proposta de Pedro Aguado Bleye para os movimentos acima descritos (BLEYE, 1958: 678).

A família Khaldun quando no Norte de África (Ceuta em direção a Túnis) possuía como chefe de família Al-Haçan Ibn Muhammad Ibn Khaldun que era funcionário na corte sevilhana do emir hafsida Abu Zacaria e deste soberano recebeu *iqta* (nesse caso apenas uma concessão de terras):

Chegando a Ceuta, a família Khaldun uniu-se por laços matrimoniais com a dos Al-Azafi, aliança que teve certo brilho e fama. Entre os seus membros emigrados para além do Estreito, se achava nosso antepassado Al-Haçan Ibn Muhammad, filho de uma filha de Ibn Al-Muhtacib. Querendo fazer valer os serviços que seus ancestrais prestaram outrora à família de Abu Zacaria, veio ter à corte deste Emir, que lhe dispensou uma acolhida honrosíssima. Depois do que, viajou para o Oriente, e, havendo cumprido o dever da peregrinação, retomou o caminho da África, onde o esperava, ao pé do Emir Abu Zacaria, então em Bona, a mesma

fervorosa acolhida. Desde aquele momento, até a sua morte, viveu na sombra tutelar do império Hafsida, desfrutando os favores do príncipe, que lhe tinha atribuído apontamentos e ictâ (KHALDUN, 1958: 488).

O filho de Al-Haçam era Abu Bacr Muhammad Ibn Khaldun que obteve dos hafsidas as mesmas bondades régias. No entanto, um movimento imprevisto, relatado pelo historiador Ibn Khaldun na *Autobiografia* transforma a política do Magreb, o emir Abu Ishac chegou da Espanha, pois estava exilado ao longo da vida de seu irmão Mustansir. Esse emir se apoderou de Ifríkya depois de destronar o sobrinho. É imprescindível sinalizar que Abu Bacr Muhammad foi nomeado pelo *emir* Abu Ishac como *Amir Al-Achgal* (ministro das operações financeiras, funções como dos grandes dignatários almôadas, podendo nomear, destituir e pedir contas a perceptores, usando até o emprego da tortura). A esse cargo veio somar-se outro, quando o emir e sultão Abu Ishac mandou para Bugia seu filho e sucessor Abu Fares, Abu Bacr Muhammad foi indicado então como *hajib* (primeiro ministro). Mas algo inesperado aconteceu, pois Abu Bacr Muhammad pediu demissão de seus cargos e em seguida foi para Ifríkya (KHALDUN, 1958: 488-489). De acordo com Ibn Khaldun, o impostor Ibn Abi Omara apoderou-se de Túnis. Este “impostor” denominado assim por Ibn Khaldun prendeu Abu Bacr, retirou sua fortuna através de torturas e mandou seus subalternos estrangulá-lo na prisão. O filho de Abu Bacr, Abu Abd Allah Muhammad Ibn Khaldun, ao lado do sultão Abu Ishac e de seus filhos foram para Bugia atrás de refúgio, mas Abu Fares aprisionou a todos (KHALDUN, 1958: 488-489). Logo solto de seus grilhões, Muhammad Ibn Khaldun foi servir ao *emir* Abu Hafs.

Após a *Batalha de Marmajanna*, que segundo Ibn Khaldun foi funesta para os Hafsidas, Abu Abd Allah Muhammad durante esse conflito aproveitou a ocasião e escapou com Abu Hafs (filho do emir Abu Zacaria), Al-Fazazi e Abu'l Huçain Ibn Sayd Annas e seguiram caminho para *Calat Sinan* (KHALDUN, 1958: 488-489). Ibn Khaldun nos relata nesse instante um conflito que atingirá Abu Abd Allah Muhammad, o *emir* Abu Hafs toma por cliente Al-Fazazi, mas Ibn Sayd Annas não concordava com essa situação, desde então foi juntar-se ao príncipe Abu Zacaria (filho de Abu Ishac) na cidade de Tlemcen. Muhammad Ibn Khaldun foi servir ao emir Abu Hafs.

Ibn Khaldun acrescenta à sua narrativa histórica, que o sultão Abu Yahia quando não estava em Túnis “*confiava a guarda da cidade a meu avô, cuja inteligência e devoção inspirava uma confiança sem limites*” (KHALDUN, 1958: 491). A vida beligerante de seu avô inspirou Ibn Khaldun na sua carreira política e se posiciona num contraste com a

personalidade do pai de nosso historiador. Isso pode ser verificado com suas próprias palavras:

No ano de 737 (1336-37), ao falecer meu avô, meu pai, Abu Bacr Muhammad, deixou a carreira militar e administrativa para dedicar-se à ciência (a lei) e à devoção. Era tanto mais inclinado a este gênero de vida quanto tinha sido criado sob os olhares do célebre legista Abu Abd Allah Az-Zubaidi, o homem de Túnis mais notável por seu profundo saber e por seu talento de mufti, e que se tinha consagrado às práticas da vida devota, seguindo o exemplo do pai, Hoçain, e de seu tio Haçan, que foram ambos ascetas de nomeada. Desde o dia em que meu avô renunciou aos negócios, passava seu tempo ao lado de Abu Abd Allah, e meu pai, que tinha sido entregue aos cuidados deste doutor, aplicou-se ao estudo do *Alcorão* e da lei. Meu pai cultivou com paixão a língua árabe e era versado em todos os ramos da arte poética. Filólogos de profissão recorriam a seu critério – fato que testemunhei – e lhe submetiam seus escritos. Faleceu, arrebatado pela grande epidemia do ano de 749 (KHALDUN, 1958: 491).

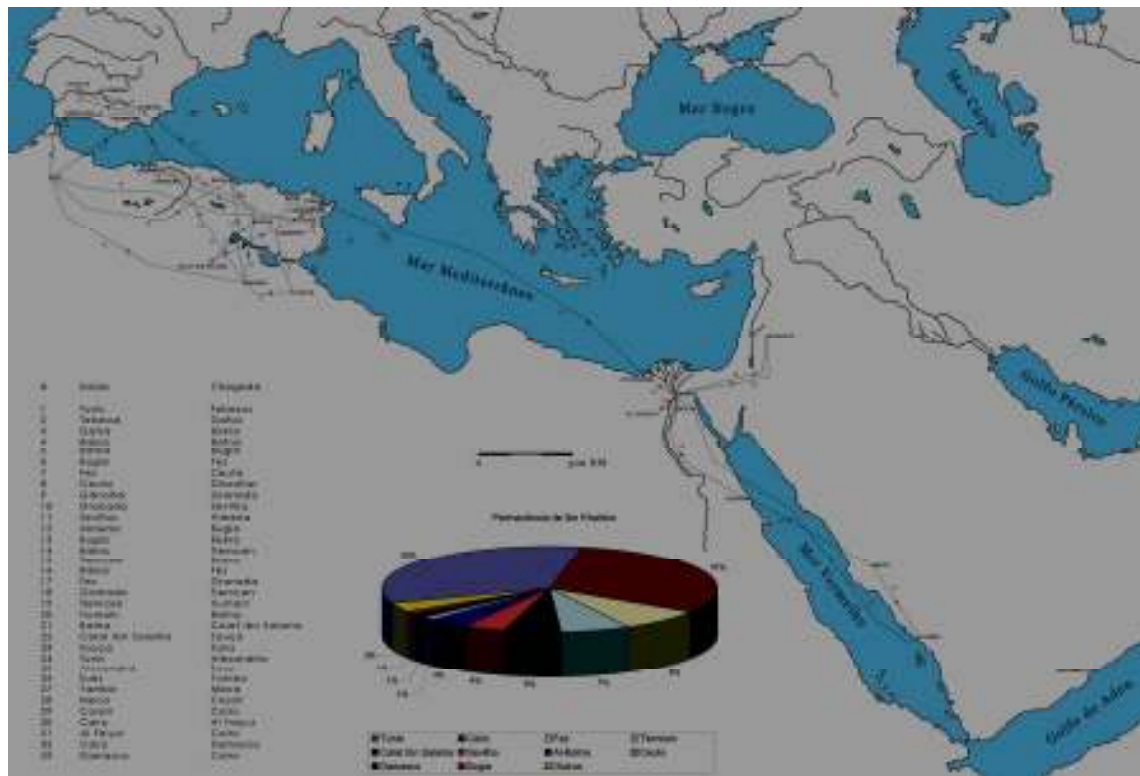
Os homens da família Khaldun transmitiram de geração em geração o aprendizado das artes militares e dos ofícios políticos do império muçulmano. Essas formas de contribuição permitiram uma análise em momentos especiais de revoltas e bonificações do poder para com seus partidários. Porém as experiências militares segregaram o avô de Ibn Khaldun no final da vida e se distanciaram do “exímio gramático” que era seu pai. O próprio erudito Ibn Khaldun guardaria ressonâncias das atividades de seu avô como homem da espada, mas seu pai o colocou em vias de *triumfar sob a pena*.

O filho historiador, o erudito político Ibn Khaldun

É indiscutível, portanto, a identidade andalusi do historiador tardo-medieval Abu Zaid Abd’ul-Rahman Ibn Khaldun, pois sua formação como um sábio da escola jurídica malikita, como *faylasufita* e guerreiro militar podem ser remetidas ao “ombreamento” entre *Al-Andaluz* e o Norte de África ao longo da permanência do poder muçulmano no medievo. O pesquisador e filósofo marroquino Mohammed Abed Al-Jabri aponta que a educação em *Al-Andaluz* seria única no mundo muçulmano:

Al-Andalus representou muito cedo na história muçulmana medieval uma entidade cultural autônoma, em razão de sua independência política em relação aos estados orientais. Intelectualmente, essa região do mundo muçulmano permaneceu durante muito tempo presa ao literalismo jurídico dos doutores malikitas, enquanto se desenvolviam no Oriente as escolas teológicas (mu’tazilismo, ash’arismo) e filosóficas (impregnadas de neoplatonismo) [...] (ABED AL-JABRI, 1999: 19).

A importância dos antepassados de Ibn Khaldun por meio de suas próprias palavras na narrativa da *Autobiografia* o fez por muitas vezes em sua vida ter de decidir entre a vida militar dentro da política e uma vida em busca da solidão para contemplar o conhecimento. As cortes de sábios que ele constantemente seguia em Fez, em Túnis e na Península Ibérica era o fio condutor de sua vida, o que vemos no mapa seguinte:



SENKO, Elaine. A trajetória de Ibn Khaldun (1332-1406) e gráfico da porcentagem referente à sua estada em diferentes locais do Norte da África, Península Ibérica e Oriente ao longo de sua vida.

A construção do mapa acima também tornou possível um olhar mais abrangente sobre a biografia de Ibn Khaldun, um agente da história, e o mundo em que viveu, marcado por muitos conflitos de caráter político. Dito isso, é importante lembrar que Khaldun também exercia dessa maneira o ofício próximo ao que hoje entendemos como o de “diplomata”.

Para melhor visualizarmos o mapa, citaremos em forma de síntese, os locais por onde Ibn Khaldun perpassou em sua trajetória de vida ao lado dos cargos que ele assumiu. Em Túnis (1332) nasce Ibn Khaldun. Na adolescência foi *escrivão do parafo real* do sultão Abu Ishac. O cargo de *escrivão do parafo real* consistia em ter controle da administração do sultão, tal posição somente era concedida àqueles que estudavam as lições islâmicas com

afinco. Em 1352, em Tebessa, Khaldun fazia parte do exército Hafsida seguindo os sábios marínidas pelo Norte da África, estes últimos sob liderança do sultão Abu Inan. O exército Hafsida perdeu a batalha contra os Marínidas e Khaldun teve que se refugiar em Tebessa e depois em Gafsa. Nesse mesmo ano, Khaldun refugiado em Gafsa, passou posteriormente para Biskra. Depois, em Batna, Khaldun encontrou-se com um oficial do exército marinida chamado Ibn Abi Amr. Este oficial levou Khaldun para Bugia (1353) e depois conquistou tal cidade. Em Fez (1354), Ibn Khaldun foi convidado pelo sultão Abu Inan para ser seu *secretário do parafo* (Khaldun não gostou dessa posição porque não honrava sua descendência, ou seja, seus antepassados nunca ocuparam tal cargo) e integrante das reuniões dos sábios. Ainda em Fez, Khaldun em 1355-1356, foi integrado como o responsável pelas discussões literárias a pedido do sultão Abu Inan. Em 1359, o substituto do sultão Abu Inan, o sultão Abu Salem, colocou Khaldun no cargo de secretário particular e depois no de *madhalim* (o reparador das injustiças). Já em 1362, Khaldun realizava a travessia do Norte de África (Ceuta/Gibraltar) para a Península Ibérica. No mesmo ano, em Granada, Muhammad V, sultão de Granada, recebe Khaldun. Nesse momento o referido sultão nomeia Khaldun como seu “diplomata”. Em Sevilha (1363), ocorreu o encontro “diplomático” entre Ibn Khaldun e Pedro, o Cruel (rei de Castela e Leão). O encontro é favorecido pelo sultão Muhammad V e Khaldun foi encarregado por este da ratificação do tratado de paz entre o rei Pedro e os emires de Al-Andaluz. Khaldun foi também a Biskra em 1365 e daí passou para Tlemcen, onde o sultão Abu Hammu o recebe em sua corte como *hajib* e *secretário do parafo*. Khaldun participa de expedições militares de conquista do sultão Abu Hammu. Em 1370, o letrado muçulmano retorna ao governo marínida de Biskra.

Entre 1372 a 1374, em Fez, Khaldun retorna para a esfera política, por pouco tempo, na corte do sultão Abu'l Abbas. Em 1374, Khaldun deseja se afastar da política e se dedicar aos estudos. O sultão em Granada na referida época era Ibn Al-Ahmar e recebeu o erudito em seu território. O retorno de Khaldun ao norte de África aconteceu em 1374 (permanência em Tlemcen e Hunain), pois o poder magrebino disputava a presença do historiador Khaldun em suas referidas cortes. Nesse período ocorreu em Batna o encontro de Khaldun com os *Aulad Arif*, tribo árabe que patrocinará o ambiente necessário para o historiador muçulmano escrever suas obras *Muqaddimah* e *Autobiografia*. Assim entre 1374 à 1378, Ibn Khaldun escreveu parte da *Autobiografia* e a escrita completa da *Muqaddimah* no castelo nomeado “Calat Ibn Salama”. Entre 1378 à 1382, Khaldun perpassa pelas seguintes localidades: Souça, Túnis, Porto de Alexandria, Suez, Yambo, Meca, Cosair e chegando em 1383 no Cairo. Nessa região assume aulas na *Mesquita de Al-Azhar* e assume o cargo de

cádi malikita. O cargo de cádi malikita dependia do Califado e da compreensão do estudioso das leis das palavras escritas no *Alcorão* e na Sunna. Em 1400, ocorreu o encontro diplomático entre Ibn Khaldun (como integrante do governo egípcio) e Tamerlão, líder dos mongóis. Khaldun consegue convencer Tamerlão a deixar a cidade de Damasco e assim o historiador pôde retornar ao Cairo, se estabelecendo aí até a sua morte em 1406. A amplitude das viagens de Ibn Khaldun relatadas sinteticamente nos parágrafos precedentes evidencia a procura por governos estáveis que se dispusessem ao patrocínio de seu saber. O interessante é que constatamos também a grande vontade dos sultões em receber Khaldun. Tal fato demonstra, o que também orientou nosso pensamento, a estreita relação entre poder e saber, este último sendo uma espécie de elemento legitimador do primeiro.

A análise dessa forma de distanciamento entre uma vida beligerante e uma dedicada à erudição nos aproxima da figura de Ibn Khaldun. Entendemos que por meio do indivíduo podemos alçar um contexto em que transitam grupos sociais diversos e que constituem uma mentalidade que em seu caráter específico ecoa sobre a escrita de Ibn Khaldun. Nesse artigo foi proposta uma provocação de idéias que permitiram destacar uma política de fronteira entre a Península Ibérica e o Norte de África durante o exercício de poder dos muçulmanos, estes que resistiram até finais do século XV sob a ameaça da *Reconquista cristã*. As migrações dos andaluzes derivadas dessa ameaça forjaram o historiador medieval Ibn Khaldun, por meio das ações de seus antepassados e mestres. Aqui a *Autobiografia de Ibn Khaldun* é um meio de comunicação com o passado, pois resgata através da memória vestígios da movimentação política entre *Al-Andaluz* e o Magreb. Essa visão contribui para o aprofundamento das questões políticas e sociais entre cristãos e muçulmanos ao longo do período medieval.

Como resultado do nosso estudo apresentamos a contribuição da erudição proveniente de Al-Andaluz com a qual Ibn Khaldun, um historiador norte-africano, entrou em contato através de seus ilustres mestres, sua ligação com a região por meio de seus antepassados e o fato da relação intrínseca entre a Península Ibérica e o norte de África. Escrever a história nessa época tardo-medieval fazia parte das sociedades muçulmanas letradas, e nesse estudo demonstramos que elas fomentavam eruditos, como Ibn Khaldun. Esse historiador foi o representante de um tempo de cultura miscigenada, no qual Al-Andaluz seria o local representativo dessa esfera de sabedoria e poder. Para Ibn Khaldun a concepção de História era:

A História é um dos ramos dos conhecimentos humanos que se transmitem de geração a geração. (Tesouro de ensinamentos), ela atrai estudantes e estudiosos

dos países mais longínquos que acodem pressurosos para ouvirem-lhe as lições. (Objeto de estudo e de meditação dos sábios), a História é ouvida com avidez pelo vulgo (que nela acha deleite e passatempo) granjeando a História ao mesmo tempo a estima dos reis e dos grandes, o apreço dos homens de estudos e a atenção dos ignorantes (KHALDUN, 1958: 3-4).

Apontamos que o letrado Ibn Khaldun pertenceu à esfera das cortes muçulmanas medievais, nas quais ocupou cargos específicos ao lado do poder, posições essas legitimadas pela sua própria erudição. Dessa forma, Ibn Khaldun conquistou notoriedade em sua época por ser um sábio que depois de aprender as lições obrigatórias se dedicou a desenvolver seus estudos de forma autônoma. A família dos Khaldun era fornecedora de elementos para as devidas cortes tanto em Al-Andaluz quanto em norte de África, mas o que tornou Ibn Khaldun singular foi sua ação de se identificar como historiador e também como homem em defesa do que se colocava *sob a pena*.

O sacrifício de Ibn Khaldun também como um homem das armas e político serviu de inspiração para que ele pudesse se impor perante o poder das cortes como um homem legítimo *da pena*. Esse paradigma fornecido pela figura histórica de Ibn Khaldun justifica seu afastamento da tradição militar de sua família e demonstra em sua vida pública de “diplomata” um contraste com sua vida privada de um estudioso medieval.

A *Autobiografia de Ibn Khaldun* tem como objetivo revelar o escrito de um historiador imerso em sua realidade particular. A fonte nos preparou para um aprofundamento do gênero narrativo histórico autobiográfico na Idade Média, nos recepcionou para o contexto da Reconquista cristã na Península Ibérica percebida por outro foco, permitiu o estudo do contexto das dinastias muçulmanas em Al-Andaluz e dos cargos políticos do Império islâmico, além de fornecer indícios primordiais para se examinar os estudos desenvolvidos nas *madrasas* (escolas) andaluzas ao lado do prolongamento das idéias da falsafa provenientes do Islã Clássico na Idade Média.

Para se compreender a postura assumida por Ibn Khaldun como erudito e propagador efetivo de uma cultura híbrida originária de Al-Andaluz nos baseamos na produção de suas fontes e no vestígio efetivo que elas nos apresentaram. Ibn Khaldun se propôs a ser um erudito que se dedicou à ciência histórica tendo por base suas observações sobre a sociedade de seu tempo.

As lições apreendidas por Ibn Khaldun revelam um esforço da própria escola de saber islâmica em revelar um modelo, ou seja, esse paradigma seria o próprio Khaldun. Ele produz na terceira parte de sua obra *Muqaddimah* os meios para se obter o saber islâmico e

nos deixa um esquema de ensino, muitas vezes utilizado até os dias de hoje. Como fonte comprobatória dessa intenção de Ibn Khaldun temos seu relato na sua própria *Autobiografia*, meio de que ele dispôs para registrar sua posição de renomado sábio. Khaldun detalhou na *Autobiografia* sua educação, listando os mestres e lições que aprendeu. Ele decorou o *Alcorão*, estudou seus comentários, alçando até a posição de cádi dentro da esfera de direito islâmico, se dedicava à literatura árabe e criou um estilo próprio de escrever em verso e prosa. Além disso, ainda criou uma visão única da teoria da história.

Nosso estudo aqui apresentado entende, então, que os indícios sobre a vida de Khaldun podem comprovar a intenção deste em se apresentar como sábio de sua época, mas não simplesmente, os sultões deveriam enxergá-lo também como tal e efetivamente o fizeram, sendo um cabedal a ser utilizado como base de seus poderes.

Portanto, nosso estudo procurou evidenciar a formação do historiador Ibn Khaldun e sua conexão com a política de sua época por meio dos distintos cargos que assumiu, assim demonstrando a sua intensa movimentação em cortes islâmicas. A *Autobiografia*, estilo de exceção em sua época de produção, nos indica que Khaldun talvez seguisse um modelo de escrita de tradição andaluza. Assim, para se analisar todo o panorama da vida de Ibn Khaldun traçamos este paralelo entre sua vida pública e privada, e identificamos elementos de complementação. Esse estudo propicia um caminho reflexivo para se compreender as fontes medievais do Oriente em sua própria particularidade e com o objetivo de abranger uma nova concepção de História.

Fontes

KHALDUN, Ibn. *Autobiografia de Ibn Khaldun*. In: *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)*. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958.

KHALDUN, Ibn. *Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I, II, III)*. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1959-1960.

Base do mapa para o estudo: www.googlemaps.com

Referências Bibliográficas

ABED AL-JABRI, Mohammed. *Introdução à crítica da razão árabe*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1999.

BLEYE, Pedro Aguado. *Manual de História de Espanha*. Tomo I. Madrid: ESPASA-CALPE, 1958.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Estudo das Representações de Monarca nas Crônicas de Fernão Lopes (séculos XIV e XV)*. Tese de Doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

HOURANI, Albert. *Uma História dos povos árabes*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEWIS, Bernard. *Os árabes na História*. Tradução de Maria do Rosário Quintela. Lisboa: Estampa, 1994.

Recebido em: 14/03/2011

Aprovado em: 02/07/2011